

TRÊS CARTAS DE TEDDY

Elizabeth Silance Ballard

A carta de Teddy chegou hoje, e, agora que já a li, vou guardá-la em meu baú de cedro com as outras coisas importantes de minha vida.

"Eu queria que a senhora fosse a primeira a saber..."

Sorri ao ler essas palavras, e meu coração se encheu de um orgulho que eu não deveria sentir.

Não vejo Teddy Stallard há quinze anos, época em que ele foi meu aluno na quinta série. Eu estava no início da carreira e começara a lecionar havia apenas dois anos.

Não gostei de Teddy desde o primeiro dia que ele entrou em minha classe. Os professores (embora nem todos saibam fazer a diferença) não devem demonstrar preferência por nenhum aluno e, acima de tudo, não devem demonstrar antipatia por uma criança... por criança nenhuma.

Contudo, todos os anos aparecem um ou dois pequenos pelos quais não podemos deixar de sentir certa afeição, porque os professores são humanos, e faz parte da natureza humana gostar de pessoas espertas, bonitas -, e inteligentes, quer tenham dez, quer 25 anos de idade. E, às vezes, felizmente com pouca frequência, há um ou dois alunos com os quais o professor não consegue ter um bom relacionamento.

Eu me considerava perfeitamente capaz de lidar com meus sentimentos em tais situações, até o dia em que Teddy entrou em minha vida. Naquele ano, não havia nenhum aluno especial do qual eu gostasse, mas Teddy era, certamente, um menino com quem eu não simpatizava.

Sua aparência física era horrível - ele estava quase sempre sujo e tinha os cabelos desgrenhados - e seu intelecto deixava muito a desejar. No final da primeira semana, eu já sabia que ele não acompanharia os demais alunos. Além de não acompanhar, era lento demais! Comecei a afastar-me dele imediatamente.

Qualquer professor dirá que se sente mais que satisfeito quando ensina um aluno inteligente, quando o estimula a aprender, enquanto dedica maior empenho às crianças mais lentas. Qualquer professor pode fazer isso. A maioria faz, mas eu não fiz. Não naquele ano.

A bem da verdade, concentrei-me em meus melhores alunos e deixei que os outros os acompanhassem dentro do possível. Embora me sinta envergonhada por ter de admitir, nutria um perverso prazer em usar a caneta vermelha; e, todas as vezes que eu corrigia as provas de Teddy, as cruzes vermelhas eram sempre um pouco maiores e um pouco mais acentuadas do que o necessário.

"Insatisfatório!", eu escrevia com letras floreadas.

Apesar de não ridicularizar o garoto, minha atitude era visível aos olhos dos demais alunos, porque ele passou rapidamente a ser a "ovelha negra" da classe, o excluído.

Teddy sabia que eu não gostava dele, mas não entendia o motivo dessa antipatia. Eu também não nem naquela época, nem agora. Só sei que ninguém gostava dele, e eu não fiz nenhum esforço para mudar essa situação.

Os dias foram passando. Comemoramos o Festival de Outono e o Dia de Ação de Graças, e eu continuava a usar minha caneta vermelha com grande satisfação. Quando o Natal se aproximou, eu sabia que Teddy não teria condições de se recuperar a tempo de passar para a sexta série. Ele repetiria de ano.

Para justificar-me, relia seu currículo escolar de tempos em tempos. Suas notas haviam sido muito baixas nos quatro primeiros anos, mas ele nunca foi reprovado. Como ele conseguiu essa façanha, eu não sabia. Resolvi concentrar-me nas anotações sobre sua personalidade.

Primeira série: Teddy demonstra ter futuro, em razão de seu trabalho e atitudes; mas o ambiente em seu lar não é bom. Segunda série: Teddy poderia ser melhor aluno. A mãe está doente e em estado terminal. Ele recebe pouca ajuda em casa. Terceira série: Teddy é um menino amável. Prestativo, mas muito sério. Lento para aprender. A mãe morreu no fim do ano. Quarta série: Muito lento, porém bem comportado. O pai não demonstra nenhum interesse pelo filho.

Bem, ele foi aprovado quatro vezes, mas certamente repetirá a quinta série! – eu disse a mim mesma.

Chegou o último dia de aula, antes do Natal. Nossa pequenina árvore em cima da mesa de leitura estava enfeitada com papel e cordões feitos de pipoca. Havia muitos presentes amontoados embaixo dela, à espera do grande momento.

Os professores sempre ganham vários presentes no Natal, mas, naquele ano, os meus foram em número muito maior e eram muito bem requintados. Não houve um só aluno que não me tivesse trazido um presente. Cada pacote desembulhado provocava gritos de alegria, seguidos de efusivos agradecimentos àquele que o oferecera.

O presente de Teddy não foi o último que peguei; estava no meio da pilha, acondicionado num saco de papel marrom, enfeitado com desenhos de árvores de Natal e sinos vermelhos feitos por ele mesmo. A boca do saco estava fechada com fita adesiva.

"Para a Srta. Thompson, de Teddy", ele havia escrito.

Um completo silêncio abateu-se sobre o grupo, e, pela primeira vez, eu me senti observada e constrangida, porque todos estavam aguardando que eu abrisse o presente.

Quando retirei o último pedaço de fita adesiva, dois objetos caíram em minha mesa: um vistoso bracelete imitando uma joia, no qual faltavam várias pedras, e um pequeno frasco de colônia barata - pela metade.

Ouvi as risadinhas e os cochichos, e eu não tinha certeza de ser capaz de encarar Teddy.

– Não é lindo? – perguntei, colocando o bracelete no pulso.

– Teddy, você poderia ajudar-me a fechá-lo?

Ele sorriu com timidez, enquanto prendia o fecho, e eu levantei o braço para que todos admirassem o bracelete.

Ouvi alguns "000hs" e "aaahs" hesitantes; mas, quando coloquei uma gota de colônia atrás da orelha, todas as meninas se enfileiraram para receber uma gota também.

Continuei a abrir os presentes, até chegar ao último da pilha. Comemos alguns petiscos, e o sinal tocou.

As crianças se despediram com gritos de "Até o ano que vem!" e "Feliz Natal!". Mas Teddy continuou sentado em sua carteira.

Depois que todos saíram, ele caminhou em minha direção, segurando firme contra o peito os livros e o presente que ganhou.

– A senhora é parecida com minha mãe – ele disse mansamente. – O bracelete dela também fica muito bonito no pulso da senhora. Que bom que gostou.

Após essas palavras, ele saiu rapidamente. Tranquei a porta, sentei-me diante de minha mesa e chorei, resolvida, agora, a oferecer a Teddy tudo o que eu, deliberadamente, havia negado ao menino - o carinho de uma professora.

Depois dos feriados de Natal, passei todas as tardes com Teddy até o último dia de aula. Algumas vezes, trabalhávamos juntos. Outras, ele trabalhava sozinho, enquanto eu preparava as aulas ou as provas.

Lentamente, mas com determinação, ele alcançou o restante da classe. Na verdade, suas médias finais ficaram entre as mais altas da classe. Apesar de saber que Teddy se mudaria para outro estado quando as aulas terminassem, eu não me preocupei com o que seria dele. Teddy havia atingido um estágio que o levaria a manter um bom nível no ano seguinte, em qualquer colégio que estudasse. Havia obtido uma boa dose de sucesso, e, conforme aprendemos no curso de magistério, "o sucesso consolida o sucesso".

Só recebi notícias de Teddy sete anos depois, quando encontrei sua primeira carta em minha caixa de correio.

Prezada Srta. Thompson, Eu queria que a senhora fosse a primeira a saber. No próximo mês, vou receber o diploma como segundo aluno da classe.

Cordialmente, Teddy Stallard

Enviei-lhe um cartão de congratulações e um pequeno presente: um conjunto de caneta e lápis. Eu gostaria de saber o que ele faria após receber o diploma. Quatro anos depois, chegou a segunda carta de Teddy.

Prezada Srta. Thompson, Eu queria que a senhora fosse a primeira a saber. Fui informado de que vou receber o diploma como primeiro aluno da classe. O curso na faculdade não foi fácil, mas eu gostei. Cordialmente, Teddy Stallard

Enviei-lhe um belo par de abotoaduras de prata, com suas iniciais, acompanhado de um cartão. Estava tão orgulhosa dele que parecia que ia explodir! E hoje... chegou a terceira carta de Teddy.

Prezada Srta. Thompson, Eu queria que a senhora fosse a primeira a saber. A partir de hoje, sou médico, Dr. Theodore Stallard. Que tal!?!? Vou me casar em julho. No dia 27, para ser mais exato. Eu gostaria que a senhora comparecesse e se sentasse onde minha mãe se sentaria, se estivesse aqui. Não tenho mais família, porque meu pai morreu no ano passado. Cordialmente, Teddy Stallard

Não sabia ao certo que tipo de presente dar a um médico, quando ele conclui a faculdade de medicina. Talvez fosse melhor aguardar e levar um presente de casamento, mas a carta não podia esperar.

Prezado Teddy, Parabéns! Você conseguiu, e com o próprio esforço! Apesar de pessoas como eu, e não por minha causa, seu dia chegou. Deus o abençoe! Estarei presente ao casamento quando os sinos estiverem tocando!